

**Título :** Recepção de radionovelas em Florianópolis no período do anos 1960<sup>1</sup>

**Autor :** Ricardo Medeiros<sup>2</sup>

**Resumo :** O trabalho trata da recepção de radionovelas em Florianópolis nos anos 1960, tendo como referência o público da antiga Rádio Diário da Manhã (RDM). São analisados e comentados os itens frequência e período de audição das radionovelas, assim como os rituais para acompanhar os folhetins, além de títulos e enredos relatados pelos ouvintes. O artigo aborda igualmente as influências dos temas das novelas sobre o público e a relação entre ouvinte e os artistas da RDM.

**Palavras chaves :** radio-radionovela-radiouvinte

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao NP 06-Rádio e Mídia Sonora, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Rádio pela Université du Maine, da cidade de Le Mans, França. É professor de radiojornalismo da Faculdade Estácio de Sá de Santa Catarina e repórter da Assessoria de Comunicação Social da Prefeitura Municipal de Florianópolis. E-mail : ricardo@carosouvintes.com.br.

Este trabalho tem por objetivo melhor compreender o cotidiano da escuta de radionovelas, durante os anos 1960, na antiga Rádio Diário da Manhã de Florianópolis (SC), atual CBN Diário. Na época, esta emissora era referencial não só para Santa Catarina, mas para várias regiões do país, devido a sua qualidade técnica e profissional. A Rádio Diário da Manhã (RDM) atuava em ondas médias através do prefixo ZYT-26 e frequência de 1010 khertz, bem como em ondas curtas (ZYT-29 em 31 metros), conquistando ouvintes do além-mar, que frequentemente escreviam da Europa ou dos Estados Unidos acusando uma boa captação da Diário e ao mesmo tempo pedindo um flâmula da estação.

Para analisar o dia-a-dia da audição das radionovelas nós fizemos 57 enquetes por questionário, na Grande Florianópolis, durante os meses de julho e agosto de 2002. O universo dos interrogados foi formado por 47 mulheres, que em sua maioria eram donas de casa nos anos 1960, e 10 homens. Para o mesmo fim, de entender a recepção dos folhetins, foram reunidos 26 testemunhos através de entrevistas gravadas, sendo nove deles durante o ano de 2000 e o restante em 2002. No cômputo geral, foram sondadas 24 mulheres- em grande parte igualmente voltadas para as atividades domésticas- e 2 homens. Todas as pessoas envolvidas, seja por questionário ou via entrevistas, são moradores da capital catarinense ou dos municípios vizinhos de São José e Palhoça.

## 1. Frequência e período

O público que sintonizava a Rádio Diário da Manhã (RDM) poderia escolher os dias e horários para acompanhar mais uma das emocionantes histórias lacrimojantes da emissora. Seguindo o padrão das grandes estações brasileiras, a RDM tinha novelas que eram transmitidas nos dias pares e outras no dias ímpares. Isto quer dizer que havia folhetins que passavam somente segunda, quarta e sexta, e outros terça, quinta e sábado. Normalmente havia duas novelas no período da manhã, duas à tarde e uma no horário noturno. O único dia em que não havia histórias seriadas era no domingo. Não tinha novela, mas havia espaço, no início dos anos 1960, para *Bazar de Emoções*<sup>3</sup>, uma sessão dedicada a peças completas, que ia ao ar bem na hora do almoço, às 12h30.

Segundo o resultado das enquetes por questionário, a maioria dos habitantes da região de Florianópolis preferiam seguir as histórias radiofônicas diariamente (56,1%). Os demais ouvintes não tinham frequência definida (22,8%) ou acompanhavam os folhetins apenas

---

<sup>3</sup> Até 1962 *Bazar de Emoções* era transmitido aos domingos, a partir das 12h30. Porém, depois desta data, a sessão de peças completas passa para o meio da semana, quarta-feira, às 20h35.

alguns dias por semana (21,1%). Nilza Pereria da Silva poderia ser considerada uma das fiéis ouvintes da Rádio, pois de segunda à sábado, ela estava atenta às diversas dosagens de dramas do dia, através de seu aparelho Semp, cor marfim. O rádio dela, polido cuidadosamente com produto especial, ficava instalado num balcão dentro da sala de estar, lugar atualmente ocupado pela televisão. Mas por que a sala de estar Nilza Pereira? : «*Porque muitas vezes, meu filho, as visitas também participam da audição de uma novela. De vez em quando isso acontecia lá em casa. Alguém chegava na nossa casa só para ouvir um pouquinho de rádio. E como essa pessoa estava lá em casa, tinha obrigatoriamente de acompanhar comigo as novelas.*»<sup>4</sup>

Quanto ao período de escutar novelas, o ritmo florianopolitano era parecido com aquele descrito na obra *Tia Julia e o Escrivinhador*. Muita gente acordava pela manhã e já ligava o rádio. Neste instante já era bombardeada pelas chamadas da primeira novela da manhã, marcada para às 10h20.<sup>5</sup> Depois era só esperar a hora exata para se entregar aos dramas radiofônicos como faziam 24,6 por cento dos moradores que só ouviam novelas neste período. Mas como o horário nobre do rádio era à noite, em sua maioria (29,8%) as pessoas optavam por esse período para sintonizar as novelas da RDM, enquanto 19,3% se extasiavam com as histórias somente no período vespertino. Analisando por outro lado, 21 por cento dos entrevistados ouviam novelas em dois períodos do dia, ou manhã-tarde (10,5%), manhã-noite (8,8%) ou tarde-noite (1,8%). Além desses casos havia pessoas que dedicavam a todas às novelas da emissora (3,5%). Em outras palavras, esses ouvintes se sujeitavam a escutar cinco histórias seriadas, em meio a seus afazeres domésticos, em se tratando das donas de casa. Fora os folhetins das 10h20, os apaixonados e vidrados pelos dramas dedicavam tempo aos da 10h45, 15h, 16h30 e 20h05.

Majoritariamente, nos anos 1960, as pessoas interrogadas possuíam rádio na casa delas. Dos entrevistados, apenas uma pessoa se manifestou dizendo que na época não havia ainda conseguido adquirir um aparelho receptor. Isto talvez ajude a explicar o fato de que quase todos os interrogados acompanhavam as histórias radiofônicas em seus lares. Em números isso significa que 51 dos entrevistados por questionário (89,5%) escutavam em sua residência as novelas. Todavia, alguns ouvintes seguiam as ficções na casa de parentes, amigos, vizinhos ou mesmo no trabalho (10,5%).

Analisando outros dados, podemos afirmar que uma parte bastante significativa da população tinha a prática cotidiana de escutar os dramas em família (54%), ou seja, de se reunir com a mãe, pai, marido, esposa, filhos, irmã, irmão, avó, avô e mesmo com sobrinhos.

<sup>4</sup> Depoimento da radiouvinte Nilza Pereira da Silva cedido em 11 de julho de 2002.

<sup>5</sup> LLOSA, Mário Vargas. *Tia Júlia e o Escrivinhador*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. P. 91.

Carmem Goulart tinha como companheira uma de suas avós. Juntas, quando a novela estava em seus momentos decisivos, elas aumentavam o volume do rádio de uma forma tal que as pessoas que estivessem passando perto da casa delas, poderiam pegar *carona* na novela da neta e da avó.<sup>6</sup> Enquanto isso 32 por cento dos depoentes se recolhiam em seus lares para escutar sozinhos os melodramas seriados.

Outros, por seu turno, reuniam os amigos, vizinhança ou mesmo empregados para ficarem todos juntos ao pé do rádio (14%). Este é o caso de Jane Bulcão Vianna, que tinha ao seu lado a companhia « *de uma mocinha que trabalhava comigo lá em casa* ». <sup>7</sup>Já Nilza Pereira, reunia-se com as amigas, principalmente quando se tratava da hora derradeira do folhetim, quando todos iriam vibrar e se emocionar com a última encenação. Assim sendo, definida a casa onde iriam escutar a história, as amigas se dirigiam para esta residência levando tricô, crochê ou bordado para se ocuparem enquanto a novela não começava : « *A gente vibrava, a gente chorava, a gente ficava assim... apostando, tipo.. a gente queria saber quem matou fulano. A gente queria saber também se fulana iria ficar com quem. Ah, e a gente aproveitava pra dar nossos palpites a respeito do destino de cada um, é claro.* » <sup>8</sup>

## 2. Ritual

Ana Maria Martinelli é uma gaúcha de Jaguarão, Rio Grande do Sul, cidade que fica próxima de Chuí, no extremo sul do Estado. Em 1952, ela migrou para a capital catarinense. Ouvinte primeiramente das novelas da Guarujá, ela igualmente trocou de estação quando os folhetins tiveram como vitrine o Diário da Manhã. Por conta das histórias seriadas, Ana Maria vivia em clima de tensão com o seu vizinho Ricardo Hoffmann, pois ambos moravam no mesmo prédio. Pela manhã, sob o protesto do habitante do andar de baixo, a gaúcha fazia como a ouvinte Carmem Goulart e a avó dela, colocando o rádio no último volume. Contrariado, Ricardo Hoffmann, que queria ouvir muita clássica, várias vezes subiu até o andar de Ana Maria para lhe pedir encarecidamente para diminuir a intensidade de som do seu rádio. Mas a ouvinte não abria mão dessa extravângia radiofônica.

Ana Maria Martinelli só não ousava aumentar o volume do seu aparelho Philips à tarde. Em nome do bem-estar da sua filha Adriana, neste período a ouvinte seguia um ritual silencioso para acompanhar as histórias seriadas. Ao pé do rádio, o gesto dela consistia em estender um acolchoado no chão, que serviria como cama para Adriana. Em seguida, Ana

<sup>6</sup> Depoimento da radiouvinte Carmem Goulart da Silveira cedido em 15 de julho de 2002.

<sup>7</sup> Depoimento da radiouvinte Jane Bulcão Vianna cedido em 22 de julho de 2002.

<sup>8</sup> Depoimento da radiouvinte Nilza Pererira da Silva cedido em 11 de julho de 2002.

Maria se equipava de agulhas, linhas e lãs para começar a tricotar enquanto a pequena se entretia-até dormir- com os pés da mãe.<sup>9</sup>

A exemplo de tia Laura, personagem de Mario Vargas Llosa no romance que traz à tona as radionovelas em Lima (Peru), Nadir Soncine parecia que queria igualmente mais que ouvir as histórias. A funcionária pública dava a impressão de querer entrar dentro do receptor, devido à posição do rádio. Como o aparelho ficava sobre uma prateleira elevada, o ritual de Nadir Soncine de ouvir novelas consistia em ficar em pé, literalmente com o ouvido rente ao seu Semp. Desta forma, « *a gente nao perdia nenhum lance da novela* »<sup>10</sup>.

Essas mulheres, cada uma a seu modo, cada uma com seu ritual, foram testemunhas auriculares das radionovelas da Diário da Manhã. Cada uma na sua região estava sintonizada nos dramas como podia. Naquela época todo o esforço era bem-vindo para acompanhar aquelas vozes maviosas, que como dizia Ana Maria Martinelli, fazia bem aos ouvidos e à alma.

### 3. Título e histórias

Em relação à lembrança de nome de novelas, 35 por cento das pessoas indagadas por questionário responderam que se recordavam de algum nome de folhetim. Com isso conseguimos levantar 20 títulos de radiodramas que supostamente foram transmitidos pela Diário da Manhã. São eles : *Aqueles Olhos Negros, Lágrimas de Mãe, A Filha do Diretor do Circo, Ilha dos Sonhos Perdidos, Caminho de Lágrimas, Canção de Bernadete, Eu não Creio nos Homens, Filhos de Pais Desconhecidos, Ninguém Foge ao Destino, O Amor Venceu, Lírios do Campo, Meu Filho-Minha Vida, A Cabana do Pai Tomás, O Anjo e a Fera, Suplício de uma Alma, Uma Luz nas Trevas, Os que não Devem Nascer, Ele Virá pelo Mar, Almas de Pedra e A Força da Humildade*. A novela *Aqueles Olhos Negros* foi a mais lembrada pelos participantes da pesquisa por questionário, sendo que seis pessoas citaram este título. Em segundo lugar ficaram os radiodramas *Lágrimas de Mãe* e *A Filha do Diretor do Circo* : cada uma das novelas foi recordada por 4 ouvintes.

A respeito de histórias de novelas, concordamos com o personagem Pedro Camacho, criado por Vargas Llosa (1996). Os escritos radiofônicos, muitas vezes, conservam-se num lugar mais indelével do que o livro : a memória de quem os escuta. Isto quer dizer que há histórias tão marcantes para os ouvintes que mesmo após tanto tempo da transmissão desses

<sup>9</sup> Depoimento da radiouvinte Ana Maria Martinelli cedido em 14 junho de 2000.

<sup>10</sup> Depoimento da radiouvinte Nadir Soncine em 03 julho de 2000.

folhetins, eles conseguem lembrar de algumas passagens dos enredos.<sup>11</sup> Dos 57 entrevistados por questionário, 28 disseram que se recordavam de alguma história irradiada na Diário da Manhã, formando assim um universo de 49 por cento de pessoas.

Para ilustrar este trabalho de pesquisa, nós apresentamos algumas histórias recheadas com ingredientes variados para um público-ouvinte da época ávido por emoções. Nilza Pereira da Silva nos faz um relato a propósito de *Filhos de Pais Desconhecidos*. Segundo a radiouvinte foi um drama em torno de uma família de nobres, cujo o filho se apaixonou por uma plebéia. Do relacionamento entre os dois nasceu uma criança, que foi afastada da mãe. O rico rapaz, que rejeitou a moça pobre, decidiu-se casar com uma outra pessoa, com quem teve mais um filho. No final da história, os dois rapazes se encontraram e se deram conta que eram irmãos, filhos do mesmo pai.<sup>12</sup>

Nadir Farias relatou a saga de *A Força da Humildade*, que envolvia uma menina que ficou orfã. Sem ter para onde ir, ela foi morar e trabalhar na casa dos tios ricos, gente poderosa na região. Lá, além de cuidar sozinha de todos os afazeres domésticos, ela era maltratada pelos parentes. Os tempos de bonança para a jovem começaram a vir a partir do momento que ela se apaixonou por um rapaz, cujo retrato estava pendurado na casa da sua tia. O rapaz estudava no exterior e quando retornou também se apaixonou pela garota. Os dois acabaram se casando.<sup>13</sup> Coincidência com alguma outra história? Sim. Como enfatiza Cristiane Costa (2000), de todas as histórias de amor *Cinderela- ou A Gata Borracheira- é a mais difundida pela cultura de massa, em que prevalece o amor sobre a ordem social. A devota paixão de um príncipe, seja no livro, no rádio ou até mesmo na televisão, retira a Cinderela de seu cárcere domiciliar e faz com que dois jovens que nunca se viram sintam uma paixão fulminante. Fica no ar que « bastaria à classe mais baixa ostentar os mesmos meios de distinção simbólica da classe dominante para 'conquistá-la' ».<sup>14</sup>*

Outra ouvinte, Delcia Maria Buhls, nos relatou que num drama da RDM uma garota negra, de nome Áurea, começou a se corresponder por carta com um rapaz branco. Mesmo após trocar diversas correspondência com o seu amado, Áurea não tinha coragem de dizer que ela era negra. No final, vencendo todas as barreiras raciais, os dois se casaram.<sup>15</sup> Este folhetim, por um lado, bate de frente com a situação vivida pela sociedade de Florianópolis dos anos 1960, que era considerada altamente racista. Naquela época era difícil o namoro e

<sup>11</sup> VARGAS LLOSA, Mário. *Tia Julia e o Escrivinhador*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996. P. 129.

<sup>12</sup> Depoimento da radiouvinte Nilza Pereira da Silva cedido em 11 de julho de 2002.

<sup>13</sup> Depoimento por questionário da radiouvinte Nadir Farias em julho de 2002.

<sup>14</sup> COSTA, Cristiane. *Eu Compro essa Mulher : romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000. P. 28.

matrimônio entre brancos e negros, tendo em vista que os últimos além de serem discriminados devido a cor da pele, eram igualmente marginalizados por não possuírem uma boa posição socio-econômica. Porém, se nós encararmos com outro olhar a história contada por Delcia Maria Buhls, chegamos a conclusão que o folhetim veio se somar ao do escritor Gustavo Neves Filho, *O Direito de Amar*. Isto é, ambas as novelas serviram, de alguma maneira, como instrumento para combater um certo apartheid vivenciado em Florianópolis, haja vista que as histórias irradiadas- em maior ou menor grau- influenciavam a opinião dos radiouvintes em diversos assuntos.

Na Florianópolis de antigamente, de acordo com os dados do censo demográfico de 1960, apenas 10 % da população era formada por pretos e pardos, descendentes de escravos que se instalaram na capital catarinense-no século XVIII- para trabalhar na construção das fortalezas do sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina. Ou seja, viviam na capital pouco mais de 9 mil negros, cujas suas raízes eram do Congo, Angola, Benin, Nigéria, Senegal e Moçambique. Assim sendo, a maioria dos habitantes do município era formada por brancos, que perfaziam um universo de 90 % dos moradores, ou em outras palavras, um montante de quase 89 mil pessoas.<sup>16</sup>

Negros e brancos viviam de tensão em seu dia-a-dia. Para ir a clubes, cada um tomava caminho diferentes. O negro frequentava o Clube 25 de Dezembro ou o Clube 15 de Novembro, enquanto o branco se dirigia para o Lira Tênis Clube ou o Doze de Agosto. Este racismo vivido em Florianópolis nos anos 1960 delimitava outros tipos de território, como por exemplo, o do passeio no centro da cidade, apelidado de *footing*. O historiador Oswaldo Rodrigues Cabral (1998) apresentava essas fronteiras étnicas e sociais:

« No domingo havia o *footing* aqui no centro da cidade. Da Trajano até a Praça XV era o pessoal de modo geral de classe média; no Palácio<sup>17</sup>, onde agora é o museu, ficavam as empregadas domésticas, e no jardim<sup>18</sup> eram as negras, as negrinhas. Se você queria dar

---

<sup>15</sup> Depoimento por questionário da radiouvinte Delcia Maria Buhl em agosto de 2002.

<sup>16</sup> Dados populacionais do IBGE da década de 1960: VII Recenseamento geral do Brasil, série regional, volume 1, tomo XIV. Em termos de porcentagem, os dados de 1960 são os mesmos da década anterior. Nos anos 1950, a população negra de Florianópolis era formada por 6.276 pessoas (quase 10% do total) e a população branca por 61.221 habitantes (90% do total dos moradores). Ver CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas*. Florianópolis: Insular, 2000. P. 136.

<sup>17</sup> Trata-se de uma referência a ex-sede do Governo Estadual, que ficava num Palácio, hoje denominado Museu Cruz e Sousa.

<sup>18</sup> É uma referência ao jardim que fica dentro da Praça XV de Novembro, bem no centro da cidade de Florianópolis.

*um pulinho para namorar uma empregadinha, você ía lá na calçada do Palácio e se gostasse de uma negrinha, ía no jardim (...) »<sup>19</sup>*

#### 4. Temas e suas influências junto aos ouvintes

No que diz respeito aos temas das ficções radiofonizadas, a grande maioria dos entrevistados por questionário apontou o *amor/paixão/romance* como a matéria mais em evidência nas histórias (71%), seguida pelo assunto *vingança* (8%) e *desavença/briga/intriga* (7%). Foram citados também os temas *ódio* (4%), *traição* (3,5%) e *amizade/companheirismo* (2%).

Na opinião de 80 por cento dos entrevistados esses temas também influenciavam na vida dos ouvintes contra 20 por cento que dizem que os assuntos não afetavam o cotidiano do público da Diário da Manhã. Em favor da ação dos temas sobre a população formamos as categorias *vontade de viver o romance passado no rádio* (40%), *passavam tranquilidade/trazia prazer* (14%), *provocavam comentários com parentes amigos e vizinhos* (11,4%), *relatavam coisas que poderiam acontecer na realidade* (8,5%), *serviam para reflexão* (5,7%) e *serviam para formular preceitos morais* (5,7%).

A categoria *vontade de viver o romance passado no rádio* engloba respostas, tais como *as pessoas queriam viver o amor das novelas*, *as pessoas sonhavam em ser as mocinhas que casavam com os mocinhos* e *a gente queria viver aquele amor puro*. Esse amor assinalado pelos ouvintes era o amor cortês, cujas origens eram ligadas à vida das cortes senhoriais do século XII e ao código de conduta nelas desenvolvido: a cortesia, que passou a não ser apenas o código de etiqueta próprio da vivência refinada da corte, mas uma verdadeira moral idealizada da elite feudal. Esta nova concepção de amor colocou a mulher no centro das atenções. Ela tornou-se a inspiração e o objetivo das boas ações de um homem<sup>20</sup>. A mulher, frágil e delicada, era honrada e defendida se necessário com a vida do seu mocinho, que era cheio de bravura. Cada ouvinte da Diário da Manhã via ondas hertzianas recebia estímulos de como conceber o sentimento amoroso, ou seja o sentimento de dedicação absoluta de um ser a outro ser. Trazendo para o meio rádio, uma observação de Howard Bloch (2000), podemos dizer que nos tempos da radionovela o amor cortês orientava o público a respeito de suas representações sobre esse sentimento, bem como o que deveria dizer ao seu amado e o que esperava que ele lhe dissesse. Os imaginários dos ouvintes, enfim, estavam impregnados de um modelo de como deveriam agir sobre o amor e como as

<sup>19</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. IN: MEDEIROS, Ricardo. *Dramas no Rádio: a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60*. Florianópolis: Insular, 1998. P. 52.

<sup>20</sup> FERNANDES GOUVEIA, Raul Cesar. *Amor e Cortesia na Literatura Medieval*. [www.hottopos.com/notand7/raul.htm](http://www.hottopos.com/notand7/raul.htm)



outras pessoas deveriam reagir a respeito dessa linguagem romântica inventada na época medieval e propalada pelas ficções.<sup>21</sup>

Na categoria *serviam para formular preceitos morais* vale relatar a resposta de Ivete Lúcia. Nascida em 1960, essa garotinha na época era vidrada em radionovela. Através das histórias era criava uma representação do que seria o relacionamento ideal para um homem e uma mulher. Ivete Lúcia apreendia que uma jovem deveria necessariamente se casar com alguém, não poderia conseqüentemente ser vista como uma *solteirona* ou *titia*, termos utilizados na Florianópolis de antigamente. Porém, antes do casamento era igualmente necessário seguir todo o ritual de uma *moça de família*, isto é, a garota deveria namorar, noivar e partir na sequência para o matrimônio com um rapaz honesto e trabalhador: “*a gente entendia pelas novelas que existia uma relação que não era temporária*”<sup>22</sup>, acrescenta a ouvinte. O casamento deveria ser para toda vida. Feita outra leitura, *moça direita* não se separava do marido: “*Agora é tudo diferente, as pessoas se casam e logo se separam*”. Além disso, a mulher, como rezava o imaginário social, tinha sido abençoada com o instinto materno e que portanto deveria ser fértil para dar ao esposo diversos filhos, que conseqüentemente dariam vários netos ao casal.

## 5. Lágrimas ao pé do rádio

Envolvidos diariamente com os dramas em que tragédias, encontros e desencontros estavam presentes, nós inquirimos também nossos entrevistados por questionário para saber se eles chegavam literalmente às lágrimas ao acompanharem as radionovelas. A maioria declarou que *sim* (70%), que se emocionavam a tal ponto de chorar ao pé do do rádio, enquanto 30% disseram que *não*.

Foi possível criar 8 categorias com as respostas daqueles que choravam por causa dos folhetins eletrônicos: *eram emocionantes* (48%), *eram tristes* (17%), *mexiam com os sentimentos* (14%), *havia sofrimento nas novelas* (8,5%), *poder de interpretação dos artistas* (3%), *apelação dramática* (3%), *ouvinte era muito chorão* (3%) e *quando o mocinho e a mocinha choravam* (3%). Na categoria *eram emocionantes* podemos enquadrar as observações de Vera Pacheco Bastos. Para ela as novelas envolviam emocionalmente o público quando havia um encontro de pai e filha que não se viam há vários anos ou de uma mãe com uma filha na mesma situação. A radiouvinte se dizia tocada também pelas histórias

<sup>21</sup>BLOCH, Howard IN: COSTA, Cristiane. *Eu Compro essa Mulher: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. P. 15.

<sup>22</sup> Depoimento da radiouvinte Ivete Lúcia cedido em 31 de julho de 2002

que tinham a celebração de casamentos ou nascimento de filhos de personagens.<sup>23</sup> Já na categoria *mexiam com os sentimentos* se encaixa a resposta dada por Nadir Farias. Ela diz que se sentia muito sensibilizada quando « *a mocinha era judiada pela patroa. Eu tinha pena da mocinha. Essas historias me penetravam no coração* ». <sup>24</sup> Em se tratando de *poder de interpretação dos artistas*, Uda Gonzaga nos recorda que os atores da Diário da Manhã viviam os seus personagens de uma forma altamente profissional e convincente: « *a maneira como eles faziam aquele trabalho era fabuloso. Uma artista encarnava uma mocinha. Então ela falava de uma forma amargurada, sofrendo. De repente ela começava a chorar. Parecia que a gente tava vendo ela chorar. Devido a isso, a gente também começava a chorar, junto com a mocinha* ». <sup>25</sup>

Na prática, as novelas provocavam uma catarse nos ouvintes. Através das situações dramáticas e de extrema intensidade, o público aproveitava para descarregar suas tensões, frustrações e ambições. Escutando os capítulos e chorando via historias radiofonizadas as pessoas esqueciam seus verdadeiros problemas e conseguiam diminuir as sensações depressivas dos insucessos afetivos ou profissionais. Resultado: um sentimento de alívio, de purgação, de limpeza, de descontração, de felicidade.

Como os demais colegas de escuta de rádio, quem se submeteu igualmente a uma catarse foi Leda Maricha Senhorinho. Ela era uma daquelas ouvintes que não perdia um capítulo de novela. A ouvinte nos conta que desde que convidada para ir na casa de um parente, de imediato ela queria saber se o rádio estava funcionando bem. Se tivesse alguma coisa errada com o receptor, prontamente Leda Maricha dizia: « *ah, eu não vou* ». Ou se não, ela dava um jeito na situação de uma forma bem caseira: levava para casa do parente o seu próprio aparelho de rádio. Leda Maricha não queria perder momentos especiais, como por exemplo, do último capítulo da novela *Meu Filho Minha Vida*, quando ela se derramou em prantos. Uma das grandes cenas esperadas pela ouvinte foi o instante em que o filho doente da personagem Isabel se restabeleceu e se encontrou com o pai dele, Rodrigo. E a outra é quando Rodrigo se reconciliou com a esposa Isabel, após longo tempo de separação. « *Eu não resisti, chorava como uma desesperada. Mas sabe que isso me fez bem?* ». <sup>26</sup>

Nesse vale de lágrimas catártico via radionovela pode ser também incluído o nome de Ivete Lucia. Passado tanto tempo, mesmo assim ela consegue se lembrar que chorou muito quando estava na escuta da novela *A Força da Humildade*: « *Eu chorei muito porque a menina da*

<sup>23</sup> Depoimento da radiouvinte Vera Pacheco Bastos cedido em 11 de julho de 2002.

<sup>24</sup> Depoimento da radiouvinte Leda Maricha Senhorinho por questionário em agosto de 2002.

<sup>25</sup> Depoimento da radiouvinte Uda Gonzaga cedido em 12 de agosto de 2002.

<sup>26</sup> Depoimento da radiouvinte Nadir Farias por questionário em julho de 2002.

*novela era muito maltratada pela família onde ela foi morar. Ela não podia mais viver com a família dela porque eles morreram ; então tinha que suportar essa vida na casa dos outros. Isto me batia forte ».*<sup>27</sup>

Nessa apelação emocional os homens ditos sensíveis e os durões igualmente eram envolvidos pelas novelas crimejantes. Nesse momento não havia distinção entre um e outro, pois segundo Benjamin Constant (1997) os ditos durões são na realidade muito mais sensíveis do que os homens que têm a sensibilidade exaltada. Assim sendo, ambos eram envoltos num clima de comoção porque na verdade-conforme Constant- os homens *insensíveis* se mostram como tal com medo de sofrer ao se perceberem frágeis. Os outros homens, ao contrário, não são obrigados a se fazer de durões, pois já aprenderam a lidar com a sensibilidade deles.<sup>28</sup> Desta forma, tanto as mulheres como toda a sorte de homens eram abalados emocionalmente, a tal ponto que não tinham mais controle sobre si mesmos. Todos se sentiam enfraquecidos frente ao fundo musical triste e impactante ou a uma voz sussurada de um persoangem.

Dos 10 homens entrevistados, 3 deles disseram que choravam algumas vezes ao ouvir os folhetins. Andrino de Jesus confessa ter tido os olhos cheios de lágrimas em cenas em que havia casais de família. « *Eu não sei, eu nunca gostei de ouvir as pessoas discutindo desta forma. Como eu sou uma manteiga derretida, chorar era pra já ».*<sup>29</sup> Se um autor de novelas quisesse fazer Walter Antônio Reis chorar era colocar na trama um homem batendo em alguma mulher. « *Essas histórias de homem batendo em mulher, não me caíam bem. Juro pra vocês que isso me apertava o coração ».*<sup>30</sup> Já para João Anatólio da Silva verter lágrimas...era só acompanhá-lo no final de uma novela : « *A gente acompanhava determinada novela durante vários dias e no final a gente se emocionava tanto que chorava ».*<sup>31</sup>

Fora os homens *chorões* listados entre os 57 entrevistados por questionário, José Alvari Oliveira que nos cedeu um depoimento em 2000 nos relata uma passagem interessante de seu pai, que não se descolava do rádio posicionado sobre a cristaleira na sala de estar. Confome Alvari Oliveira, Waldemar caiu em prantos ao acompanhar a história de um filho que foi ver o pai no leito de morte :

*« Eu não sei quais os dias da semana, mas a novela tinha o Rozendo Lima, Aldo Silva, os nossos atores daqui. Então uma vez o pai já estava meio tocado<sup>32</sup> e chorou que se acabou, coitado. Ele ouvia a história de um outro pai que tinha um filho. Esse filho saiu de casa e meteu o pé no mundo e tal. Mas o pai dele sempre acreditou que o filho tivesse bem de*

<sup>27</sup> Depoimento da radiouvinte Ivete Lúcia cedido em 31 de julho de 2002.

<sup>28</sup> CONSTANT, Benjamin IN: VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do Purdor à Aridez-história das lágrimas*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997. P. 51.

<sup>29</sup> Depoimento do radiouvinte Andrino de Jesus por questionário em 27 de junho de 2002.

<sup>30</sup> Depoimento do radiouvinte Walter Antônio Reis por questionário em julho de 2002.

<sup>31</sup> Depoimento do radiouvinte João Anatólio da Silva por questionário em 28 de junho de 2002.

<sup>32</sup> A expressão « tocado » implica dizer popularmente que a pessoa está alcoolizada.

*vida. Mas o filho era um baita de um vaselina<sup>33</sup>, estava preso. O filho estava preso, em cana. Aí um dia o pai estava no leito de morte, quase indo. O filho soube e conseguiu lá do juiz, do delegado, permissão para vir até a casa dele para que o pai o visse né. Então ele se fez de médico e, devidamente vigiado, foi ver a morte do pai e mostrar para o pai que ele, entre aspas, que ele havia vencido na vida. Aí o meu pai chorava que era uma coisa de doído».*<sup>34</sup>

Andrino de Jesus, Walter Antônio Reis, João Anatólio da Silva e Waldemar Oliveira, durante os anos 1960, estavam entregues às novelas, ao mesmo tempo que descartavam o domínio das emoções e o endurecimento do coração. No instante de ouvir as vozes dos astros e estrelas dos dramas radiofonizados eles esqueciam também da máxima de que todos, na sociedade machista, a partir de quando são jovens, devem controlar a tendência e o gosto pelos sentimentos, para obter entrada livre em uma vida ativa, sabendo dominar seus inclínios ao enternecimento.<sup>35</sup>

## 6. Público conhece pessoalmente os artistas

O número de carros que circulava na pacata cidade de Florianópolis nos anos 1960 não lembra nem de perto a cifra atual que assinala a média de 1 veículo para cada 3 pessoas, segundo os dados do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, IPUF.<sup>36</sup> O decênio de 1960 não se diferenciava em muito do período anterior quando apenas as famílias mais abastadas eram donas de veículos automotores, a exemplo da família do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, do médico Newton Ávila e da família Meyer.<sup>37</sup> Na opinião do ex-vereador Michel Curi, a capital catarinense era tão pequenina e provincial, que a grande parte das pessoas do centro da cidade se conheciam. Assim sendo: «Às vezes a gente subia a Felipe Schmidt com uma plaquinha na mão escrita 'oi'. Era uma forma de cumprimentar todo mundo ao mesmo tempo»<sup>38</sup>. Exageros de Michel Curi à parte, o fato de haver uma tímida concentração populacional ajudava para com que as pessoas tivessem referências umas das outras com mais facilidade. Isso acontecia, por exemplo, em muitos momentos na relação entre ouvintes e atores de radionovelas.

<sup>33</sup> A expressão «vaselina» é usada, no caso do depoimento de José Alvari, para dizer que o personagem da novela citada é malandro.

<sup>34</sup> Depoimento do radiouvinte José Alvari de Oliveira em 23 de agosto de 2000. Ele nasceu em 15 de março de 1947.

<sup>35</sup> VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do Pudor À Aridez*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997. P.121.

<sup>36</sup> Dado fornecido pelo Diretor de Trânsito do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis, IPUF, engenheiro Lírio Legnani, em julho de 2000.

<sup>37</sup> : SIMÕES, Aldírio. *Retratos à Luz de Pomboca*. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997. P.356

<sup>38</sup> Michel Curi IN : SIMÕES, Aldírio. *Retratos à Luz de Pomboca*. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997. P.66

Isso pode ser comprovado através dos números da pesquisa feita por questionário. Vinte e sete pessoas (47,4%) tiveram contatos com as estrelas da RDM e 30 interpelados (52,6%) só sabiam da existência dos radioatores pelo aparelho receptor. Junto aos interrogados que conheceram pessoalmente os atores e atrizes da *Diário da Manhã*, foram levantados 16 nomes pertencentes ao elenco da emissora. Os destaques são Neide Mariarrosa e Aldo Silva, pessoas com as quais os ouvintes tiveram uma aproximação maior. Respectivamente, eles foram citados pelo público 15 e 9 vezes, seguidos por Antunes Severo (5) e Nívea Nunes (4).

Vera Pacheco conheceu Neide Maria num programa musical, haja vista que quando a artista não estava em cena para interpretar algum personagem, Neide soltava a voz como cantora em *Sequências A Modelar*, programa de auditório que reunia música e esquetes humorísticos. Terminado o programa, a *macaca de auditório*<sup>39</sup>, Vera Pacheco corria atrás da Neide Maria para abraçá-la e beijá-la. Para não perder o embalo, pedia igualmente um autógrafo para o seu ídolo. Foi assim, segundo Vera Pacheco, que ela enquanto ouvinte e espectadora gozou um pouco da intimidade da artista. Ela nos relata que Neide Maria lhe confessou que era uma pessoa muito humilde, vindo de uma família em que a mãe da artista *fazia* marmita, almoço sob encomenda, para sustentar os filhos.<sup>40</sup>

Dos seus contatos com os artistas Nilza Pereira da Silva lembra que a Nívea Nunes morava com a mãe e « *isso me chamou a atenção, pois eu pensava que ela sendo artista de rádio ela poderia estar morando longe da casa dos pais* ». <sup>41</sup> De Aldo Silva ela guarda a imagem de um homem muito bonito, mas ao mesmo tempo que não se deixava levar pelos *rabos de saia*. Conforme a radiouvinte, o ator e diretor de radioteatro da *Diário* era muito dedicado e fiel à esposa. Outro que fazia as mulheres suspirar pela sua beleza era Antunes Severo, relata Nilza Pereira.

Por seu turno, um grupo de ouvintes com os quais nós fizemos enquetes através de entrevistas no ano 2000, nos fizeram algumas revelações dos contatos com o cast da RDM. Havia o caso em que ouvinte e atriz, Terezinha Lopes e Janine Lúcia, conheciam-se desde a infância. Passado tanto tempo, a primeira, representante do público, faz confissões da segunda, a que encenava as histórias do radioteatro:

<sup>39</sup> Designação racista utilizada para designar as pessoas que frequentavam com assiduidade os programas de auditório. Muitos desses habitués eram pessoas negras. Ver: GOLDFEDER, Miriam. *Por Trás das Ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981. P. 175.

<sup>40</sup> Depoimento da radiouvinte Vera Pacheco Bastos cedido em 11 de julho de 2002.

<sup>41</sup> Depoimento de Nilza Pereira da Silva cedido em 11 de julho de 2002.

« (...) Eu conhecia bem a Janine Lúcia porque era minha vizinha ali na Cruz e Souza. A Janine Lúcia que morava na Cruz e Souza era na verdade Maria Carlota da Silva. Ela apenas utilizava no rádio o nome artístico de Janine Lúcia. (...) Então foi até uma família que criou ela. Ela é filha de criação desde de pequenina da dona Branca... quando eu era de lá eu conhecia a Janine Lúcia (...) ».<sup>42</sup>

Em outro caso, ouvinte e ator trabalhavam no mesmo local, no Correio e Telégrafos, o que implicava jornada dupla de trabalho para o participante dos radiodramas. Quem conta essa história é Juça Brincas :

« (...) Eu me lembro, inclusive tive uma colega, no passado, porque já faz muito tempo, Alda Jacintho. Eu me lembro de que ela, ela naquela época era uma atriz, mas, sabe como é assim...era até meio pejorativo esse negócio de ser atriz... e ela era danada. Ela faltava no serviço enganava que estava doente (...) me lembro um dia que ela disse para mim, ela disse para nós assim: ‘ Ah estou doente, vocês me substituam porque eu estou doente’.Aí substituímos, daqui a pouco alguém ligou o rádio, ou alguém veio da rua : ‘olha vocês sabem onde a Alda Jacinto está? Está chorando na rádio, numa novela’. Aquela bandida dizia que estava doente só para ir trabalhar em radionovela ».<sup>43</sup>

Esse contato bastante próximo entre parte integrante da emissão dos folhetins e público proporcionou mais uma revelação narrada por Delmar Bellin :

« (...) A gente ficou conhecendo alguns funcionários da rádio. Eu me lembro muito bem do nome de Nívea Nunes (...) Nívea Nunes, que depois até ela trabalhava como cabeleireira (...) Trabalhava como cabeleireira e muito boa por sinal. É uma coisa muito interessante que depois de muitos, muitos anos, eu dei aula pra um dos filhos dela no Colégio Aplicação... ela havia falecido e eu dei aula pra um dos filhos dela no colégio de Aplicação».<sup>44</sup>

Para encerrar fazemos uso de uma reflexão das autoras do livro *Bem Lembrado*, que fala sobre a história do radioteatro em Porto Alegre. A dramaturgia radiofônica cumpriu e cumpre bem o seu papel de provocar os ouvintes. Pelas vozes do atores, quem estava na escuta dos folhetins abria « o acervo de imagens da memória, de um tempo/espaco subjetivo » para mergulhar num mundo acústico, imaginário e emocional.<sup>45</sup> Um mundo que estava presente em grande parte dos lares de Florianópolis, seja pela manhã, tarde ou noite.

<sup>42</sup> Depoimento da radiouvinte Terezinha Lopes cedido em 6 de junho de 2000.

<sup>43</sup> Depoimento da radiouvinte Juça Brincas cedido em 7 de julho de 2000.

<sup>44</sup> Depoimento da radiouvinte Delmar Bellin cedido em 11 de julho de 2000.

<sup>45</sup> SPRITZER, Mirna e GRABUSKA, Raquel. *Bem Lembrado : histórias do radioteatro em Porto Alegre*. Porto Alegre : AGE/Nova Prova, 2002. P. 187 e 188.

### **Bibliografia**

- BLOCH, Howard. In : COSTA, Cristiane. *Eu Compro essa Mulher : romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. In : MEDEIROS, Ricardo. *Dramas no Rádio : a radionovela em Florianópolis nas décadas de 50 e 60*. Florianópolis : Insular, 1998.
- CARDOSO, Fernando Henrique. *Negros em Florianópolis : relações sociais e econômicas*. Florianópolis : Insular, 2000.
- CONSTANT, Benjamin. In : VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do Pudor à Aridez-história das lágrimas*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.
- COSTA, Cristiane. *Eu Compro essa Mulher : romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 2000.
- FERNANDES GOUVEIA, Raul Cesar. *Amor e Cortesia na Literatura Medieval*.  
[www.hottopos.com/notand7/raul.htm](http://www.hottopos.com/notand7/raul.htm)
- GOLDFEDER, Miriam. *Por Trás das Ondas da Rádio Nacional*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1981.
- SIMÕES, Aldírio. *Retratos à Luz de Pomboca*. Florianópolis: ANCapital/Banco do Estado de Santa Catarina, 1997.
- SPRITZER, Mirna e GRABAUSKA, Raquel. *Bem Lembrado : histórias do radioteatro em Porto Alegre*. Porto Alegre : AGE/Nova Prova, 2002.
- VARGAS LLOSA, Mário. *Tia Julia e o Escrivinhador*. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.
- VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Do Pudor À Aridez*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1997.

### **Depoimentos**

- Radiouvinte Ana Maria Martinelli, em 14 junho de 2000.
- Radiouvinte Andriano de Jesus, por questionário, em 27 de junho de 2002.
- Radiouvinte Carmem Goulart da Silveira, em 15 de julho de 2002.
- Radiouvinte Delcia Maria Buhl, por questionário, em agosto de 2002.
- Radiouvinte Delmar Bellin, em 11 de julho de 2000.
- Radiouvinte Ivete Lúcia, em 31 de julho de 2002.
- Radiouvinte Jane Bulcão Vianna, em 22 de julho de 2002.
- Radiouvinte João Anatólio da Silva, por questionário, em 28 de junho de 2002.
- Radiouvinte José Alvari de Oliveira, em 23 de agosto de 2000.
- Radiouvinte Juça Brincas, em 7 de julho de 2000.
- Radiouvinte Leda Maricha Senhorinho, por questionário, em agosto de 2002.
- Radiouvinte Nadir Farias, por questionário, em julho de 2002.
- Radiouvinte Nilza Pereira da Silva, em 11 de julho de 2002.
- Radiouvinte Terezinha Lopes, em 6 de junho de 2000.
- Radiouvinte Uda Gonzaga, em 12 de agosto de 2002.
- Radiouvinte Vera Pacheco Bastos, em 11 de julho de 2002.
- Radiouvinte Walter Antônio Reis, por questionário, em julho de 2002.